



Carta das Juventudes

Nós, juventudes do campo, da cidade, das águas e das florestas que acreditam e defendem a agroecologia como uma ciência, um modo de vida e um movimento importante na construção de um novo projeto de sociedade. Ao observarmos o avanço das pautas neoliberais, fascista e anti democrática no contexto mundial mas sobretudo, na América Latina e conseqüentemente no Brasil. Reunidos durante o XI Congresso Brasileiro de Agroecologia (CBA) nos articulando e mobilizando em diversos ambientes de diálogos realizamos a Plenária das Juventudes trazemos os seguintes apontamentos:

Historicamente a educação ocupa um lugar de centralidade nas transformações sociais nos permitindo entender e discutir um projeto de sociedade que contemple as particularidades de cada território bem como potencialize as expressões presentes na ecologia de saberes. Infelizmente, muitas vezes a educação lança mão da super valorização do fazer científico, negando os saberes tradicionais desarticulando estratégias de educação voltadas para as realidades camponesas. Só na última década, mais de 30 mil escolas do campo foram fechadas.

Dessa forma, é interessante pensar que educação queremos? Refletindo sobre isso, entendemos que é imprescindível o processo de fortalecimento e 'reabertura' das escolas do campo com uma educação contextualizada garantindo a permanência dos jovens em seus territórios, buscando construir um projeto político pedagógico conjuntamente com as comunidades a partir de suas realidades resgatando os saberes e sabores das agricultoras e agricultores.

Nesse sentido, é necessário garantir educadores/as com formações voltadas para a agroecologia e educação do campo assegurando um processo de seleção que priorize professores/as dos próprios municípios, potencializando também os processos de capacitação e formação continuada dos/as educadores/as das diversas áreas do conhecimento no contexto da pedagogia camponesa, agricultura familiar e comunidades tradicionais.

Ampliação e fortalecimento dos cursos de agroecologia no âmbito do saber científico dentro das universidades brasileiras, garantindo os saberes dos povos e comunidades tradicionais que constroem a agroecologia nos seus territórios, na construção de uma grade curricular que respeite a realidade camponesa, contemplando o conceito da pedagogia da alternância, garantindo assim uma aplicação direta do saber científico aliado ao saber popular.

Criação de um conselho de técnicos e bacharéis em agroecologia para garantir a regulamentação da atuação profissional agroecólogo e da agroecóloga. Ampliar e fortalecer os projetos de ensino, pesquisa e extensão tendo como referência os mais de 150 Núcleos de Agroecologia (NEAs).



Garantir políticas públicas que atendam a demanda de todas as etapas dos sistemas produtivos bem como o fortalecimento das feiras agroecológicas, E O INCENTIVO DAS JUVENTUDES NA PRODUÇÃO AGROECOLÓGICA, e garantir a permanência das políticas de PAA E PNAE, visando a garantia dos 30% da aquisição de alimentos da agricultura familiar, levando comida de verdade nas escolas do campo e da cidade e o estreitamento dos vínculos de venda direta às instituições públicas.

Desburocratização do acesso ao PNAE.

Fortalecer, multiplicar e cultivar as feiras municipais, estaduais e federais nos territórios, valorizando as culturas alimentares locais e a inclusão dos produtos da transição agroecológica da agricultura camponesa e urbana.

Incentivar a organização coletiva e comunitária e a aliança do campo e cidade, entendendo que caminham lado a lado na luta por soberania segurança alimentar e nutricional.

Quando pensamos em agroecologia, pensamos em território. Quando pensamos em território, pensamos em cultura. Quando pensamos em cultura, pensamos em história, memória, identidade. Nesse sentido, a cultura é uma ferramenta contra hegemônica de luta, resistência e articulação das juventudes no fazer agroecológico, na perpetuação dos saberes ancestrais proporcionando o protagonismo e reconhecendo as vozes que constroem a cultura em seus territórios.

Para nós jovens das águas e das matas, do campo e da cidade que mantemos uma relação de intimidade com a natureza em diversas esferas e contextos, entendemos que é mais que urgente que tenhamos estratégias de luta, resgate e permanência que assegure as práticas agroecológicas. Para tanto, a arte em suas diversas expressões culturais é para nós um elemento norteador.

1. Defendemos o fortalecimento de centros de cultura comunitários, valorizando as expressões artísticas locais.
2. Defendemos o fortalecimento do turismo de base comunitária na perspectiva de geração de renda para os jovens.
3. Fortalecer os processos que constroem a comunicação popular visando a transformação de nossos territórios através dos espaços de formação contínua do protagonismo dos jovens nas tradições orais, escrita, gráfica e audiovisuais.
4. Fazemos um chamado para uma articulação das juventudes camponesas, indígenas e quilombolas em cada território do Brasil a estarem desenvolvendo focos de cultura ativos para a o fortalecimento dos saberes ancestrais e a prática do campesinato.
5. Construção de espaços de vivência que integre lazer, esporte e cultura e que promova a troca de saberes entre os jovens.



6. A cultura popular deve ser uma ferramenta como um mecanismo na luta contra as opressões sistêmicas, numa luta ativa antirracista, antipatriarcal, antiimperialista numa perspectiva de luta de classes.

7. Quando falamos sobre agricultura, não falamos apenas sobre arte, mas também sobre a cultura do plantar e colher valorizando as práticas dos povos originários, do campo e da cidade e comunidades tradicionais. Nesse sentido, as juventudes são responsáveis por dar continuidade e um sucessão aos saberes ancestrais, isso abarca os saberes de parteiras, rezadeiras e benzedoras, raizeiras, as sementes crioulas através das redes e guardiões de sementes entre tantos outros.

Denunciamos e repudiamos a cultura das violências que oprimem e matam buscando o extermínio das juventudes . Propomos uma cultura de paz acreditando em uma nova política de segurança pública. Uma política que preze pela vida de todas as pessoas. Uma política que tenha a vida e o bem estar do ser humano, de qualquer raça e cor , como prioridade.

Manifestamos o repúdio ao assassinato da Vereadora do PSOL Marielle Franco. Dizemos que sua voz não será calada e suas pautas serão perpetuadas em cada território e no interior de todo movimento social. Não nos calaremos diante do avanços das tentativas de extermínio da juventude negra como também estaremos resistindo a todas as formas de LGBTQIA+Fobia.

Encerramos essa carta entendendo que a construção do saber agroecológico é um processo e que se inicia com nossos ancestrais. Nesse sentido, pedimos a bênção àquelas e àqueles que vieram antes de nós e nos prepararam para a luta da vida. Aquelas e aqueles que nos ensinaram que história, memória, afeto, bem como terra, floresta, águas e gente não se vende, se defende.

Reafirmamos aqui nosso compromisso com um projeto de sociedade pensado a partir de nosso território, um projeto que emancipe nossos povos, que ecoem nossas vozes de norte a sul do Brasil e que nossas irmãs e irmãos ao redor do mundo vejam em nós a esperança de um novo amanhã. Que nos espelhemos uns nos outros, e em nós, para seguirmos na luta, evocando todos aqueles que o historicismo neoliberal tentou apagar.

”Tentaram nos matar, mas esqueceram que éramos sementes.”

E diga às juventudes que avancem!

Avançaremos!

Sem feminismo não há agroecologia!

Juventude que ousa lutar, constrói o poder popular!

Juventudes e agroecologia, a luta é todo dia!

Sem juventudes não há agroecologia!

Assinam esta carta as juventudes presentes na Plenária das juventudes dentro do XI Congresso Brasileiro de Agroecologia.